

LITERATURA E PRESENÇA FEMININA NA NARRATIVA ECIANA

LITERATURE AND PRESENCE OF WOMEN IN ECIANA NARRATIVE

Clarice Gomes Clarindo Rodrigues¹
Elisabeth Batista²

RESUMO: Este artigo discute sobre a vasta produção literária de Eça de Queirós, assim como a presença feminina em seus escritos. Desse modo, além de destacar a intensa produção criativa desse autor que contribuiu significativamente com a história da literatura e da imprensa de língua portuguesa tanto em Portugal quanto no Brasil, este trabalho visa identificar de que maneira se constituem os perfis femininos, através do relevo das personagens mais marcantes do conjunto de sua obra. Nesta direção, pretende-se mostrar que, apesar de Eça ser conhecido como o escritor que inaugurou o estilo realista na literatura portuguesa, sua produção não se restringiu apenas a esse período e a esses moldes, pelo contrário, sua atuação intelectual transcendeu o seu próprio tempo e subsistiu a diversas fases e modismos, entretanto, no que se refere à construção de suas personagens femininas, Eça seguiu exclusivamente por uma perspectiva de criação literária.

Palavras-chave: Personagem feminina, Eça de Queirós, Literatura

ABSTRACT: This article discusses the vast literary Eça Queiroz production, as well as the female presence in his writings. Thus, in addition to highlighting the intense creative output of this author who contributed significantly to the Portuguese history of literature and press, both in Portugal and in Brazil, this work aims to identify how constitute the female profiles, by emphasizing the most striking characters of the body of his work. In this direction, we shall show that despite Eça was known as the writer who inaugurated the realistic style in Portuguese literature, its production was not restricted to this period and these molds, on the contrary, their intellectual performance transcended his own time and survived the various phases and fashions, however, with regard to the construction of female characters, Eça followed by only one literary breeding perspective.

Keywords: Female Character, Eça Queiroz, Literature

O presente artigo faz parte da pesquisa de mestrado intitulada: **Personagem Feminina Em Cena: Um estudo de O Primo Basílio, de Eça de Queirós**, concluída em 2013, na

1 Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Mestra em Estudos Literários pela Unemat. Email: lala_clarindo@hotmail.com

2 Docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Brasil. Pós-doutora pela Universidade de Lisboa – UL: lisbatys@gmail.com

UNEMAT (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários), a qual teve como objetivo, refletir sobre a constituição da personagem Luísa na representação do universo feminino, presente na sociedade burguesa da segunda metade do século XIX, em Portugal. Neste artigo, a finalidade é discutir de que maneira, e em quais momentos ocorre a presença feminina nas obras do autor Eça de Queirós. Para tanto, considera-se a trajetória literária linear desse autor, na perspectiva de perscrutar tal presença.

Eça de Queirós (1845-1900) insere-se em um curto período da História Portuguesa, cerca de um pouco mais de meio século, porém, tempo suficiente para transformar a história da literatura de Língua Portuguesa. A partir de meados da década de 1860, destaca-se um grupo de jovens intelectuais revolucionários da Universidade de Coimbra, sua intervenção ideológica na sociedade lusitana, torna-se consideravelmente notável, principalmente, por apontar e analisar as idiossincrasias sociais que impediam o desenvolvimento de Portugal. É, justamente, do período e do local mencionado que advém a sua formação intelectual. É, também, a partir desse período que a imagem de mulher pura e idealizada é destituída pela pena nada glorificadora de Eça de Queirós.

De acordo com Saraiva e Lopes (1996), Eça de Queirós sempre dedicou um espaço para discussões acerca da educação e do comportamento feminino, atribuindo-lhes a mesma importância de crítica que concedia aos temas políticos e religiosos. Demonstra mesmo obsessão pelo tema da infidelidade feminina, desde em **As Farpas**³, folhetins mensais escritos com a colaboração de Ramalho Ortigão, até a publicação de seus romances. Desse modo, o caráter de suas personagens femininas não se adequam ao estilo literário até então vigente em Portugal, além disso, o autor perpassa por diversas fases de produção, mas, não lhes atribui nenhum heroísmo, tampouco, relevo intelectual, deixando-as muito aquém da vivacidade e da inteligência das personagens masculinas, conforme perscrutamos nas diversas fases de produção do autor.

Assim como uma parte considerável dos demais queirosianos, dentre eles, o renomado crítico e professor da Universidade de Coimbra, Carlos Reis, costumamos dividir a produção desse autor em três fases. A primeira fase ocorre após Eça findar o período universitário. Ao deixar Coimbra, o autor ingressa na atividade jornalística na **Gazeta de Portugal** (1866-1867), em Lisboa, e o **Distrito de Évora** (1867), em Évora. Os registros afirmam que em 28

³ Os folhetins escritos por Eça de Queirós em 1871 e 1872, denominados **As Farpas** foram compilados e publicados em 1890 sob o título **Uma Campanha Alegre**.

de março de 1866, a **Gazeta de Portugal** publicava seu primeiro folhetim⁴. Esses folhetins apresentam contos que oscilam entre o universo artístico de Poe, Baudelaire e Flaubert, sendo permeados a todo instante de figuras sinistras, visões macabras (como o próprio diabo) e alguns personagens *shakesperianos*.

No ínterim da produção de **As Prosas Bárbaras**, o autor posiciona-se criticamente diante de grandes questões sociais no jornal provinciano o **Distrito de Évora**. Nesta redação, que por sinal conduziu quase sozinho, seus escritos tomam contornos que apontam para temas como política, cultura, família, trabalho, educação, defesa dos assalariados, contribuição dos pequenos camponeses pobres. A respeito do estilo do autor nesta fase, destacamos que “[...] Este Eça didático e polemista terá também continuidade, mas de um modo cada vez mais ironicamente distanciado, através de uma obra de ficção sempre criticamente atenta à sociedade oitocentista portuguesa [...].” (SARAIVA; LOPES, 1996, p. 858).

Em relação ao estilo nesse período perdura na obra eciana a tendência em retratar o demonismo, de maneira que figuram em alguns textos de **As Prosas Bárbaras**, traços do satanismo criado na figura de Carlos Fradique Mendes, heterônimo coletivo criado em 1869, por Eça, Antero de Quental e Batalha Reis. A personagem de Fradique Mendes marca a carreira literária de Eça de Queirós, visto que subsiste ao período de sua criação, assumindo as assinaturas de poemas publicados por Antero de Quental, reaparecendo como personagem em **O Mistério da Estrada de Sintra**, obra de Eça de Queirós com a colaboração de Ramalho Ortigão, e ainda em **Correspondência de Fradique Mendes**, obra póstuma de Eça de Queirós, publicada em 1900.

A viagem realizada por Eça ao oriente no final de 1869, com o objetivo de prestigiar a inauguração do canal de Suez, leva-o a conhecer o Egito, a Palestina, Síria e o Líbano. O conhecimento adquirido nessa viagem subsidia uma série de escritos literários impregnados ainda de romantismo fantástico e de satanismo baudelariano: **De Porto Said a Suez** (artigo publicado no **Diário de Notícias**), **O Egito** (Notas de Viagem), **A Morte de Jesus** (Contos inseridos em **As Prosas Bárbaras**), **Suave Milagre** e **A Relíquia** (Romance). Neste último escrito desta etapa, notamos a presença feminina, mas apenas atuando como um objeto de desejo de Teodorico Raposo, que por sua vez, desde criança se interessava por todas as imagens de mulheres: pelas estampas de mulheres despidas, as mulheres que via nas vitrines, pelos braços, pelas raparigas do Terreiro da Herva. No entanto, quando Teodorico realmente

4 Nesses folhetins, há uma fusão cultural entre a fabulação de Baudelaire, o lirismo de Heine e o romantismo de Herval, que viriam provocar alvoroço no gosto dos leitores. Esses folhetins chegariam a ser publicados postumamente, em 1903, pelo amigo, Batalha Reis, sob o título de **Prosas Bárbaras**.

se concentra em uma mulher, Adélia, esta acaba sendo pejorativamente apresentada, pelo fato de acabar traindo-o.

A mulher é outra vez apresentada negativamente quando Eça alterna romance, terror e suspense com o tema do adultério feminino ao escrever juntamente com Ramalho Ortigão **O Mistério da Estrada de Sintra**, obra publicada através de folhetins, no **Diário de Notícias** em 1870. Nesta produção, a personagem feminina central, a Condessa Luísa Valadas é casada com Jorge Valadas, tem um caso extraconjugal com um general inglês (Rytmel). Essa relação amorosa acaba despertando ciúmes no primo da Condessa, que é apaixonado por ela. É interessante observar que a trama de **O Primo Basílio** encontrava-se embrionariamente nesses folhetins, acabando por amadurecer e concretizar-se na conhecida segunda fase da carreira literária de Eça de Queirós.

Na segunda fase, a produção de Eça prossegue tomando rumos totalmente adversos ao período do Romantismo. Além de suas obras adquirirem mais maturidade, essa fase marca o período de inauguração do Realismo em Portugal e é intensivamente neste momento que ocorre a presença feminina nos escritos do autor, uma vez que neste período Eça se recusa trilhar velhos caminhos e sobressai a tendência de representação do real na crítica à sociedade portuguesa. A respeito dessa mudança no estilo literário, afirma-se que:

Eça iniciara sua carreira literária como um romântico, ou seja, como alguém que desprezando a realidade, emigra para o sonho. Mas, em algum momento no início da década de 1870, a realidade começou a fasciná-lo. A estupidez humana passou a ter um charme mórbido. A mesquinhez da pequena burguesia assumiu contornos lascivos. A grosseria dos clérigos transformou-se em matéria atraente. Em vez de olhar para as nuvens, Eça decidiu enfrentar o mundo. A parte realista de sua alma deliciava-se agora na descrição dos males terrestres. Muitos aspectos chocavam Eça, mas talvez nenhum tanto quanto a hipocrisia da sociedade portuguesa. (MÓNICA, 2001, p. 166).

Gradativamente, a nova estética na escrita eciana se firma iniciando com a colaboração de Ramalho Ortigão em **As Farpas** (1871-1872). Em forma de folhetins, os artigos de publicação mensal mostravam de forma crítica e irônica a sociedade portuguesa com toda sua repercussão política, social, econômica, cultural e até mesmo moral. A caricatura da sociedade era mostrada tal qual era realmente, nada escapava aos olhares de Eça e Ortigão, sendo abordados, dentre outros temas: a religiosidade e a fé católica, a corrupção na política, a falsidade e a hipocrisia da literatura romântica e, como não poderia faltar, o papel social da mulher. Em **As Farpas**, Eça de Queirós publica dois artigos que trata da má educação das moças de Lisboa, neles condena a mulher que é exclusivamente educada para o amor, impregnada de fantasias e ociosa. Assim, mesmo combatendo as mais diversas classes

sociais e o gênero feminino, “[...] Nunca anteriormente em Portugal outra publicação conquistara a popularidade assim de improviso. Em todas as camadas sociais, em todas as classes, nos escritórios, nos lares, no recolhimento dos serões, eram elas lidas e aguardadas com sofreguidão.” (MOOG, 1966, p. 158).

Apesar do trânsito por diversos gêneros literários e do aguçado ponto de vista do autor sobre inúmeros temas em artigos e reportagens publicadas em **As Farpas**, nas compilações póstumas **Cartas de Inglaterra** e **Ecos de Paris** (1905), **Cartas Familiares** (1907), **Notas Contemporâneas** (1909) dentre outros, é no romance que Eça mais demonstra sua vocação artística.

Após o período em Leiria (cenário de **O crime do padre Amaro**), Eça deixa Portugal e se muda para tomar posse do consulado de Havana, em 1872. Mesmo distante, o autor então reconhecido pela propagação de **As Farpas**, não abandona seu espírito de crítica e ironia na análise da sociedade portuguesa, sente a necessidade de exercitar a escrita literária, aproveita o momento para retocar a primeira obra realista do romance português, **O Crime do Padre Amaro**⁵ e escrever o conto **Singularidades de uma rapariga loura**.⁶

Nestes romances, evidencia-se a diferença entre os gêneros. Além do caráter da personagem Luísa ser descrito como “fraco” pela focalização narrativa em **Singularidades de uma rapariga loura**, em **O Crime do Padre Amaro** nenhuma mulher é atraente, simpática, nem mesmo Amélia. Segundo Berrini (1982), as beatas são detestáveis, ignorantes, passivamente exploradas pelos padres e nem mesmo a juventude e a beleza de Amélia seduz o leitor, pois se abandona nas mãos de Amaro, é fútil e histérica, vivendo apenas de aparências doentias, chegando ao ápice de odiar o próprio filho antes de nascer. De acordo com a autora acima citada, o que resta enfim às mulheres de **O Crime do Padre Amaro** é apenas supervisionar a casa, falar mal da vida alheia, ir à igreja, costurar, tocar piano, cantar, jogar e se entregar aos seus senhores de corpo e alma.

A presença feminina nos escritos de Eça prossegue ainda nesse período literário de representação do real, quando é transferido em 1874 de Havana para o consulado de

⁵ **O Crime do Padre Amaro** escrito durante o período que Eça exerceu a breve experiência de administrador do concelho de Leiria entre 1870 e 1871 é romance inaugural do Realismo em Portugal. Este romance recebeu três versões em sua elaboração, a primeira lançada em 1875, na **Revista Ocidental**, a segunda, em 1876, e, finalmente, a terceira em 1880.

⁶ Este conto foi escrito por Eça pouco depois da conferência do Casino Lisbonense, e revela a adesão do escritor ao Realismo, de forma que se apresentava como um treinamento da nova estética. Nele, o autor busca destruir os moldes convencionais do romantismo e condena completamente o espírito romântico.

Newcastle-on-Tyne e, depois para Bristol. O anseio do jovem Eça de Queirós em pintar o retrato de Lisboa, no final do século XIX é tão intenso que, tal desejo, se estende desde as manifestações das conferências do Casino, passando por **As Farpas**, até a intenção de produzir um conjunto de novelas e contos que, pela crueza do seu conteúdo, provocou grande inquietação, chegando mesmo a chocar a pequena burguesia. Seu projeto estético, *a priori*, seria tratar acerca dos diversos tipos que compunham a sociedade lisboeta. No entanto, seu ideal fora realizado apenas em parte, pois nem todos os temas puderam ser abordados e publicados naquela época por serem considerados escandalosos, como é o caso das obras⁷ **A Capital**, **O Conde de Abranhos**, **Alves e Cia** e **A tragédia da rua das flores**. De acordo com Mónica (2001), na produção de **A Capital**, Eça tenta prorrogar ao máximo sua conclusão por considerar que as acusações de escândalos poderiam ser mais sérias, visto que se tratava de aspectos caricaturais de seus contemporâneos jornalistas e artistas republicanos. Já o romance, **O Conde de Abranhos** caracteriza-se de forma satírica, como uma crítica feroz à classe política dessa época. Desse conjunto de produção literária, nenhum causa mais impacto na sociedade que a novela **Alves e Cia**. Esse livro é considerado “o mais imoral dos livros de Eça” (MÓNICA, 2001, p. 208), que por sinal, tem a personagem feminina como protagonista de um caso de adultério que mexe com o orgulho masculino e a moralidade portuguesa.

Ainda em Newcastle, Inglaterra, Eça escreve o seu segundo romance dentro da inovação estética realista, **O Primo Basílio**, obra essencial do realismo-naturalismo, publicando-a em 1878, sem receio às críticas que o esperavam. O autor se baseia nas ideias de **La pornocratie ou lês Femmes dans lês temps modernes**, de Proudhon, e ainda em **Madame Bovary**, de Gustave Flaubert, na campanha contra a instituição mais sólida da sociedade: a família. Por intermédio do tema adultério feminino, denuncia através dos costumes burgueses, a hipocrisia da sociedade lisboeta, falsamente ancorada pelos valores morais estabelecidos.

Nesse romance, principalmente, há uma visão negativa acerca da imagem da mulher. As figuras femininas que mais se destacam são as interpretadas pelas personagens Luísa e

7 Com exceção de **A tragédia da rua das flores**, todas essas obras viriam a sofrer intervenções autorais quando editadas no ano de 1925, pelo filho de Eça de Queirós. Tanto **O Conde de Abranhos** e **Alves e Cia** permaneceram no fundo do baú durante mais de vinte anos, em Tormes. **A tragédia da rua das flores** (esboço escrito entre 1877 e 1878) ficou por mais de cem anos aprovisionada pela família, sendo editado em várias reconstituições somente a partir de 1980, quando o espólio de Eça de Queirós foi para a Biblioteca Nacional.

Juliana. Nas referidas personagens, a imagem feminina é associada à leviandade, sendo, portanto, reduzidas às imagens de seres inferiores, incapazes e, por essa razão, necessitadas da presença e da orientação masculina. As adúlteras Luísa e Leopoldina são as maiores responsáveis pela imoralidade da trama; Juliana, a chantagista; D. Felicidade, a solteirona insatisfeita; Joana, subalterna no sexo. Enfim, todas são exemplos claros da vinculação da figura feminina à imagem negativa.

Referindo-nos ainda à segunda fase, ressaltamos que, neste período, Eça deixa gradativamente de escrever romances e contos realistas e passa a transitar pelos contos fantásticos, o qual é exemplo: **O Mandarim** (1881), condizendo assim com a posterior ideologia expressa pelo artigo intitulado: **Positivismo e Idealismo**⁸, de 1883. A presença feminina em **O Mandarim** ocorre por meio de seres que se chamam Mulheres e as que se denominam Fêmeas. À maneira de **A Relíquia**, as mulheres são objetos de prazer que se pode comprar com dinheiro. Com a fortuna herdada do mandarim, Teodoro conhecerá muitas mulheres, no entanto, as mulheres com quem se envolve sentimentalmente, assim, como a maioria das personagens femininas do autor tem a imagem negativa, de forma que Cândida o engana e Vladimira engana o marido com ele e é pela presença de imagens de mulheres que a viagem de Teodoro é marcada pela imaginação.

Uma versão reduzida desse conto seria lançada primeiramente em 1880, em folhetins no **Diário de Portugal**, porém, como livro, seria lançado somente no ano seguinte, com o acréscimo de seis capítulos. O disparate fantástico em **O Mandarim** reflete uma mudança na trajetória literária de Eça de Queirós, juntamente com a crítica do livro, surge uma manifestação contrária daqueles que eram seguidores do autor totalmente realista, vindo a contestar sua grandeza diante de **O Crime do Padre Amaro** e **O primo Basílio**.

Por volta do ano de 1883, ainda em Bristol (na Inglaterra), Eça trabalha intensamente em dois romances por concluir, **A Relíquia** e **Os Maias**. A publicação de **A Relíquia** ocorre em 1887 e se trata dos vestígios de sua viagem ao Egito e à Terra Santa. Com esse romance, Eça concorre a um prêmio literário na Real Academia das Ciências, mas não vence. Tem início uma nova polêmica literária, dessa vez com o juiz do concurso, Pinheiro Chagas.

Os gêneros literários de Eça diversificam-se neste período, ora contos, ora romances. Mas, vale ressaltar mais uma vez que a consagração de Eça vem com o romance **Os Maias**, arquitetado desde 1878, finalmente é publicado em 1888 e, por fim, considerado um dos mais

⁸ Nesse artigo, Eça declara seu “descrédito no naturalismo” e a dúvida acerca da existência do “romance experimental”.

importantes romances da literatura portuguesa. Esta obra reflete a sociedade contemporânea do autor em um período de várias manifestações artísticas na Europa e diversas concepções culturais ao final do século. Segundo Mónica (2001), o núcleo central do livro é uma tragédia, que se expande em duas: a primeira trata da impossibilidade do amor entre Carlos e Maria Eduarda; a segunda, do malogro das ambições de Carlos da Maia e João da Eça com relação às reformas do país. Quanto à presença das personagens femininas, destacamos que se sobressaem em geral, neste romance, as senhoras de sociedade e as prostitutas. Na realidade, poucas mulheres atuam no texto, a grande figura feminina inicial é Maria Monforte, atuando por todo o capítulo II e reaparecendo de passagem em outras ocasiões. Berrini (1982) destaca que apenas Maria Eduarda irá ter um papel proeminente nos dois últimos terços do livro, uma vez que sua beleza e elegância atraem as atenções masculinas, que prezam sua condição de estrangeira, principalmente, quando mais tarde se conhece melhor sua cultura (lera Michelet e Renan, por exemplo) e seus dotes artísticos. No mais, predomina a presença masculina, ocupando os maiores espaços. Assim, o foco narrativo quase nunca se fixa na consciência de uma mulher, sempre a conhecemos pelo discurso de outro, pela onisciência do narrador, que raramente se detém sobre ela.

A terceira e última fase de produção intelectual de Eça de Queirós ocorre entre 1888 e 1900. Neste momento, a trajetória literária de Eça caminha para o final, com a concretização do desejo em assumir o posto de cônsul em Paris, no ano de 1888. Em exercício da atividade consular, Eça intenta realizar o projeto denominado **Revista de Portugal**.

Ressalta-se neste período a publicação de vários contos, dentre eles: **Civilização** (1892), no qual prevalece uma crítica ao homem em uma sociedade de consumo; **O Tesouro** (1893), de certo modo critica a natureza humana arraigada no capitalismo; **A Aia** (1894); e **Adão e Eva no paraíso** (1897). Nessa fase, surge a tradução de **As Minas de Salomão**, com a representação do continente africano, e **A Correspondência de Fradique Mendes**.

A obra, **A Correspondência de Fradique Mendes**, que viria a ser publicada postumamente em 1900, constitui-se por duas partes: a primeira sendo narrativa; a segunda epistolar (cartas). A narrativa apresenta notas biográficas do (chamado intelectual) Fradique Mendes. As cartas abordam o contexto português e criticam seus tipos sociais com temas e destinatários variados.

Por fim, **A Ilustre casa de Ramires** (1900) e **A Cidade e as serras** (1901) demonstram a maturidade intelectual de Eça de Queirós. Com essas obras, percebe-se que Eça cessa de vez a fase que consiste no estudo da sociedade portuguesa. De maneira que “Não tendo mais nada que dizer das coisas atuais ou cansado da sociedade contemporânea Eça

volta-se para o passado” (LINS, 1964, p. 156). Aos poucos, Eça demonstra não ser mais o romancista urbano das primeiras obras, pelo contrário, desenvolve um forte sentimento em ressaltar o aspecto da vida campestre, abandona o socialismo, a postura de oposição e o sarcasmo que moveram sua carreira inicial. Desse modo, a última fase de produção literária de Eça é marcada pelo retorno aos temas tradicionais, uma vez que, não conseguindo manter totalmente o espírito na fantasia, transita entre o passado e o presente, manifestando esse paralelismo em **A Ilustre casa de Ramires** e **A cidade e as serras**, com alusão à tradição histórica portuguesa e ao cenário do campo.

No apogeu da escrita de Eça, emerge, novamente, a imagem negativa da mulher. Em **A Ilustre casa de Ramires** além da personagem Rosa, há Ana Lucena que se destaca com a sua beleza e com o seu dinheiro, mas é adúltera; a frágil Gracinha que, apesar do deslize ficar bem resguardado, é adúltera também. Entretanto, predomina o círculo das personagens masculinas, circundando o protagonista Gonçalo.

Portanto, observamos por meio dos registros, as oscilações na estética literária de Eça de Queirós, que revelam, sobretudo, uma interligação entre as facetas do autor enquanto artista e o homem que viveu de fato uma infinidade de acontecimentos na última metade do século XIX. Além disso, percebemos Eça de Queirós, na condição de autor, colocando em cena suas personagens femininas instituídas de caracteres contraditórios ao da figura ideal feminina, marcando definitivamente o período como um divisor de águas entre uma época em que a mulher era subalterna ao sistema patriarcal, e de uma sociedade que está em profunda, irreversível e constante transformação em sua história política, econômica e social.

REFERÊNCIAS:

BERRINI, Beatriz. **Portugal de Eça de Queirós**. São Paulo, 1982, 2v. Tese (Doutorado). USP: FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

LINS, Álvaro. **História literária de Eça de Queirós**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.

MOOG, Vianna. **Eça de Queirós e o século XIX**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MÓNICA, Maria Filomena. **Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**, 17ª ed. Porto: Porto Editora, 1996.